

Os fraseologismos nos dicionários: problemas de diacronia no PETIT ROBERT

René G. STREHLER

Problemática

Quando Saussure trata de ‘linguística estática’ e de ‘linguística evolutiva’ (Saussure 1982:114 e passim), ele nota que:

La première chose qui frappe quand on étudie les faits de langue, c’est pour le sujet parlant leur succession dans le temps est inexistant : il est devant un état. [...] Il [o linguista] ne peut entrer dans la conscience des sujets parlants qu’en supprimant le passé. (p. 117)

Essa consideração, e outras parecidas, fundamentam a distinção dos estudos sincrônicos da dos estudos diacrônicos. No entanto, em lexicografia os dois eixos de reflexão devem ser tratados com metodologias compatíveis com o produto elaborado.

De maneira parecida, faz-se a distinção entre linguística variacional, que examina a *língua* como sistema e nota-se que esse sistema não é homogêneo, e a linguística variacionista, que se situa na sociolinguística, portanto na *fala*.

Baseando-se nessas observações, vê-se que o linguista se defronta com duas realidades, a língua e a fala. A propósito dessa última dicotomia saussuriana, sempre é possível discutir até que ponto esses conceitos se deixam assimilar ou comparar com conceitos de outras escolas, que falam de ‘competência’, ‘performance’ e ‘l-langage’, por exemplo (Chomsky 1986).

Para o lexicógrafo, a distinção de língua e fala tem sua pertinência em cada etapa de seu trabalho. Assim, numa perspectiva descritiva, como numa perspectiva prescritiva, importa saber a que momento se passa do fato social observado, isto é, a fala, ao sistema comumente apresentado nos dicionários de língua; a partir de que momento um signo linguístico observado no discurso possa ser considerado como uma unidade lexical suficientemente estabelecida na língua, no sistema, para poder figurar num dicionário¹.

Outra distinção saussuriana (diacronia/sincronia) é igualmente pertinente em lexicografia e estreitamente ligada àquela de língua e fala. De fato, em um dicionário pode se dar maior ou menor espessura histórica em função da língua descrita. Com efeito, escolhas

¹ A seleção da nomenclatura, evidentemente, não pode se limitar a esse critério; mas tratar outros aspectos desse assunto implicaria abandonar o tema aqui tratado.

metodológicas, tratamento em polissemia ou em homonímia, podem implicar, para um dicionário francês, que *grève* seja um único signo linguístico com duas acepções (1. *Terreno a beira-mar ou beira-rio*; 2. *Cessação voluntária e coletiva do trabalho*.) ou, no caso de uma sincronia estrita, que haja dois signos distintos.

Passando das unidades lexicais aos fraseologismos, o trabalho lexicográfico se torna ainda mais complexo em relação às dicotomias citadas. Ao consultar a nomenclatura, isto é, a lista dos signos linguísticos tratados por um dado dicionário, e as definições correspondentes, nota-se que há poucas unidades fraseológicas tratadas como signos plenos na nomenclatura. Na fala, elas parecem ser uma extensão de uma unidade lexical de base e, sendo assim, definidos no verbete correspondendo a essa unidade de base, se a equipe de lexicógrafos julgar um conjunto de palavras suficientemente consagrado no discurso. Se considerarmos a aparição no discurso de fraseologismos como o início de um processo de cristalização, notamos que, numa perspectiva diacrônica, a um dado momento a ruptura está consumida. O fraseologismo para então de ser percebido como tal e ele pode agora figurar na nomenclatura como ‘palavra’. Com os séculos, passa despercebida ao falante a composição em unidades lexicais observadas em *culbuter* (cul + buter = cair ou fazer cair para trás) em francês, ou em *comer* (cum + edere) para o idioma português.

Portanto, em relação à fraseologia, estamos nos deparando com o problema de não saber o que é um signo linguístico e de igualmente não saber delimitá-lo adequadamente. Impõe-se um comentário sobre como se entende o conceito de fraseologismo e fraseologia.

Fraseologismos – algumas delimitações

Ao se definir Fraseologismos como “ocorrências compostas de duas ou mais unidades lexicais sendo consagradas no uso por uma comunidade linguística”, circunscreve-se realidades linguísticas bastante extensas. Em português, por exemplo, essa realidade fraseológica vai de ocorrências como *dado que*, locução conjuntiva, até rezas ou poemas completos, passando por locuções, idiomáticas ou não, como *meter a colher em*. Ou seja, os fenômenos observados como fraseologismos ultrapassam as categorizações usualmente estabelecidas para apreender a frase e numa perspectiva sincrônica, convém, desse modo, estabelecer certas subcategorizações em função do trabalho linguístico a ser efetuado. Na prática, os fraseologismos que a gramática trata como locuções conjuntivas ou prepositivas, entre outras, parecem atrair menos o interesse dos pesquisadores em fraseologia que os fraseologismos idiomáticos. Assim, apenas consultando os índices de assuntos de algumas gramáticas, nota-se a presença de um ‘núcleo de locuções’ tratado por essas obras; são essencialmente as

locuções adjetivais, adverbiais e verbais. As definições funcionais dessas unidades são convergentes: a unidade composta deve ter o mesmo funcionamento que uma unidade simples correspondendo (*de novo* = *novamente*; *de nouveau* = *derechef*). Já no caso das locuções verbais a situação parece mudar; a gramática se limita a ocorrências como *faire savoir* (trad. lit.: *fazer saber*) ou *faire peur* (trad. lit.: *fazer medo*) em francês. São locuções verbais com um alto grau de cristalização e a correspondência com um verbo simples (*informer* e *apeurer*) não é critério suficiente para serem tratadas na gramática, pois, senão *manger les pissenlits par la racine* (trad. lit.: *comer as rúculas pela raiz*) também deveria ser um assunto de gramática, já que a referida locução corresponde a um verbo simples, ‘morrer’. Os provérbios, por seu lado, já conquistaram um campo específico, a chamada paremiologia. As colocações constituem igualmente um desafio, já que não é evidente encontrar razões positivas para explicar por que em português ‘a grama se corta’ e, em francês ‘se tosa’ (*tondre la pelouse*).

O fraseologismo no dicionário

A diversidade observada quanto aos fraseologismos impõe igualmente escolhas à lexicografia. No caso de dicionários monolíngues que tratam a língua comum, como em francês o PETIT ROBERT (cf. Rey-Debove na bibliografia), ou, em português, o Houaiss (cf. Houaiss na bibliografia), a extensão máxima que um fraseologismo possa ter, para ser tratado, é a frase. No entanto, a maioria dos fraseologismos do PETIT ROBERT, o dicionário que nos interessa no presente trabalho, não são frases prontas para o discurso, mas sintagmas que devem ser inseridos no discurso com a devida adaptação para serem corretamente atualizados.

Para isso são necessárias estratégias e técnicas lexicográficas para saber onde inserir este ou aquele fraseologismo. Ao olhar os dois exemplos

- *faire la jeune fille de la maison* (tradução literal: fazer a jovem moça da casa) significa /fazer, em casa, os trabalhos ligados a uma recepção/ e
- *c'est un cadeau de la maison* (trad. lit.: é um presente da casa) significa /estou oferecendo, é gratuito/,

nota-se que o primeiro fraseologismo se encontra no verbete ‘maison’ e o segundo no verbete ‘cadeau’. Mais precisamente, *faire la jeune fille de la maison* é inserido pelo PETIT ROBERT na acepção precisa de ‘casa’ implicada pelo fraseologismo, ou seja em /as pessoas que vivem juntas, moram na mesma casa/, em oposição a outras acepções, como /prédio residencial/, por exemplo. Já *c'est un cadeau de la maison* se insere na acepção de ‘cadeau’ que significa /objeto que se oferece a alguém/.

A escolha lexicográfica de inserir os fraseologismos na acepção específica de uma unidade lexical é sem dúvida uma boa escolha para chegar a uma descrição pormenorizada da língua contemporânea; mas, na versão em papel do dicionário, ela pode complicar a tarefa do consulente; porque, se ele buscar *c'est un cadeau de la maison* no verbete 'maison', a definição não é encontrada. Já na versão eletrônica ele chega ao bom verbete e à boa acepção em poucos cliques.

Pode-se ainda discutir por que um fraseologismo se encontra em 'maison' e por que o outro em 'cadeau'. A resposta reside na estratégia lexicográfica adotada por um dicionário; por exemplo, pode-se mencionar um fraseologismo no verbete do primeiro substantivo (se houver) ou do primeiro adjetivo (se houver) do fraseologismo dado. Mas a nossa preocupação não diz respeito às técnicas de inserir fraseologismos num verbete. O que importa é que a maioria dos fraseologismos é tratada **nos** verbetes, no campo dicionarístico reservado ao predicado, se aceitamos o verbete dicionarístico como uma estrutura 'sujeito (o signo linguístico) + predicado (a[s] definição[ões])'. Em outras palavras, o fraseologismo não é conceituado, na maioria dos casos, como um signo linguístico à semelhança de uma unidade lexical simples, por exemplo. Assim o verbete 'dépit' ('despeito' em português) do PETIT ROBERT se divide em duas acepções. A segunda está reservada à locução prepositiva *en dépit de* ('apesar de' em português). Notamos que o equivalente funcional em português, *apesar de*, se escreve em duas palavras, mesmo que, em termos de etimologia, três unidades lexicais estejam presentes: a + pesar + de e que os dicionários brasileiros também tratam a locução no verbete 'apesar'.

De fato, a nossa preocupação é a conceitualização do signo linguístico pelo dicionário. Cada verbete é encabeçado por uma unidade lexical, e o conjunto dessas unidades constitui a nomenclatura do dicionário; mas, para entrar nessa nomenclatura, uma entidade deve ser considerada um signo linguístico como 'dépit' ou 'maison', respectivamente. É por essa razão que as três palavras, em termos analíticos ao menos, *pomme de terre* figuram na nomenclatura do PETIT ROBERT.

De costume examina-se o grau de cristalização de sintagmas para saber se podem ser considerados como fraseologismos, ou não. No entanto, às vezes a oposição não se estabelece entre sintagma livre e fraseologismo, mas entre fraseologismo e unidade lexical. Ambas as unidades, *dona de casa* e *advogado de porta de xadrez*, têm um alto grau de lexicalização, mas sondagens informais indicam que a primeira é mais facilmente aceita pelos falantes do português como unidade lexical, que a segunda ocorrência; embora as duas figuram nos

dicionários brasileiros no campo de 'locuções'. Em última instância, o lexicógrafo não pode apoiar-se apenas em critérios de linguística interna na escolha dos signos.

A hipótese que dirige a presente reflexão é a de que uma ocorrência percebida como fraseologismo será tratada pelo dicionário num verbete e uma ocorrência percebida como unidade lexical será presente na nomenclatura. Critérios que permitem distinguir um fraseologismo de uma unidade lexical composta não parecem tão nitidamente estabelecidos na lexicografia como os critérios que permitem distinguir unidades polilexicais (fraseologismo ou unidade lexical composta) de ocorrências livres. Aliás, o termo 'unidade polilexical' tem a vantagem de aplicar-se tanto aos fraseologismos como às unidades lexicais.

Mas para decidir se uma ocorrência, fraseologismo ou unidade lexical, é uma unidade polilexical, pode-se recorrer a testes, como, e vamos citar dois, primeiro:

- A inseparabilidade dos constituintes: *dona de casa* pode ser transformado em *dona de casa linda*, mas não em **dona linda de casa*;

Segundo:

- A coordenação: *dona de casa e de castelo* parece pouco natural em português.

Procedendo assim, o lexicógrafo pode saber que *dona de casa* e *advogado de porta de xadrez* têm um alto grau de cristalização. Mas para decidir que um é um fraseologismo e outro uma unidade lexical, ele precisa recorrer a critérios talvez mais subjetivos, como o número de elementos constituintes ou o sentimento linguístico do falante nativo.

A prática do PETIT ROBERT

Mas voltamos ao dicionário do nosso interesse. Ao consultar a nomenclatura do PETIT ROBERT, nota-se que ele se baseia na herança linguística para considerar unidades polilexicais como signos linguísticos plenos, assimilados a unidades lexicais simples. Entre essas heranças cabe mencionar, em primeiro lugar, as ocorrências nas quais o falante contemporâneo talvez nem reconhece mais a polilexicalidade. Citamos primeiramente exemplos em que o código gráfico, isto é, a ortografia, apagou a composição:

- *caillebotter*, de *cailler* (coalhar o leite) e *botter* (colocar), significa /reduzir em coalhado/;
- *culbuter*, de *cul* (traseiro) e *buter* (bater, encostar), significa /entornar, atropelar com o traseiro/, nota-se entre parênteses que a conotação vulgar de *cul*, existente na língua contemporânea, está completamente neutralizada na composição;

- *nonobstant*, de *non* e *obstant*, significa ‘não obstante’ e *outrécuidance*, de *outr* (além de) e *cuidier* ([antiquado] pensar, croire), significa *confiança excessiva*.

A cristalização dessas unidades é um fato consumado há séculos, *culbuter*, *nonobstant* e *outrécuidance* já estão nos dicionários de Richelet (1680) e de Furetière (1690). De *caillebotter* há traços do deverbal *caillebote* no dicionário de Nicot, que o define em latim: ‘Lac coagulatum’.

No caso de *justaucorps* (trad. lit.: justo ao corpo), que designa uma vestimenta, a composição parece ainda bastante analisável e no século XVIII observavam-se ainda ortografias como *juste-au-corps* ou *just’aucorps*. Além desse exemplo histórico, o francês dispõe de outras unidades lexicais compostas nas quais a junção aparece apenas com uma apóstrofe:

- *aujourd’hui* (trad. lit.: ao dia de hoje) significa /hoje/,
- *prud’homme* de *preu* (valoroso) e *homme* (homem) significa /homem de valor/ num registro antiquado e /juiz de trabalho/ num registro contemporâneo.

A maneira de falar *au jour d’aujourd’hui*, criticada pelos puristas, mostra que a composição da unidade não é mais percebida, já que uma tradução literal significa algo como ‘no dia do dia de hoje’.

Em outros casos, a composição da forma cristalizada não impede, no caso de substantivos, a existência de um plural baseado na composição:

- *madame* (minha dama) → *meSdameS* (minhas damas);
- *monsieur* (meu senhor) → *meSsieurS* (meus senhores). O plural gramaticalmente lógico, *monsieurs*, observável em conversas populares e informais, é recusado pela gramática normativa.

A propósito desses dois exemplos, nota-se um menor grau de cristalização em *madame*, pois os sintagmas ‘as senhoras vão...’ e ‘os senhores vão...’ se traduzem por *les dames vont...* (sem o possessivo *mes*) e *les messieurs vont...* (com o possessivo *mes*). Mas *madame* como *monsieur* se opõem a ocorrências como *gendarme*, inteiramente cristalizado e tendo um plural regular, *gendarmes*, apesar da composição histórica (gente de arma).

No caso das unidades polilexicais construídas de duas unidades lexicais, nota-se a presença de muitos compostos em que a base se associa a um adjetivo, uma preposição ou um advérbio. Em geral, nesses casos, o PETIT ROBERT recorre ao emprego do hífen, mas com *entre* (entre) observa-se também a junção completa:

- *entre-bande* (ourela) face a *entrecôte* (entrecosto).

Hesitamos atribuir maior grau de cristalização a *entrecôte*, pois, em outros casos o dicionário apresenta duas variantes, como em

- *s'entre-déchirer* e *s'entredéchirer* (dilacerar-se mutuamente).

O problema não parece ser o grau de cristalização, mas a normalização da escrita. A propósito da construção Adj. + N. devemos ainda citar ocorrências com um alto grau de cristalização e inanalizabilidade dos constituintes, como nos idiomatismos. Trata-se de ocorrências como *belle-mère*, *beau-fils* ou *belle-fille*. Nesse caso o sintagma designa cada vez um parentesco sem relação analisável com o adjetivo *beau/belle*: sogra, genro, nora.

Certo número de construções N + N deve ser o resultado de uma vontade de precisão no discurso da parte do falante. Assim, ocorrências como *camion-citerne* (carro-pipa), *loi-cadre* ou *loi-programme*, parecem mais perto de preocupações terminológicas que fraseológicas. Assim *camion-citerne* estabelece uma subcategorização no interior da realidade 'carro', assim como *loi-cadre* e *loi-programme* estabelecem categorias específicas de leis, as leis que definem o quadro dos textos de aplicação e as leis determinando programas de longo prazo, como despesas governamentais.

Já em muitos compostos construídos com uma forma verbal, a hipótese de a fraseologia ter sido o ponto de partida para chegar a uma unidade lexical é plausível, sobretudo no caso das chamadas construções exocêntricas:

- Um *garde-barrière* é uma pessoa que guarda a barreira;
- Um *pèse-lettre* é uma balança que pesa cartas (lettres).

*

Em todos os casos aqui expostos, o PETIT ROBERT faz corresponder os sintagmas a partes do discurso herdadas da tradição gramatical e é sem dúvida esse fato que permite seu tratamento lexicográfico como signos linguísticos fazendo parte da nomenclatura. Nesse sentido, é legítimo querer saber se a nomenclatura do referido dicionário é permeável a unidades

polilexicais que não se deixem assimilar às classes tradicionais, como substantivo, adjetivo ou verbo, por exemplo. Se consultarmos como o PETIT ROBERT define ‘locução’, lemos “Grupo de palavras (sintagma ou frase) cristalizado pela tradição, cujo significado é frequentemente metafórico, figurado²”. Essa definição é bastante ampla, como aquela de ‘fraseologismos’ dada acima, mas associada à conceituação tradicional de ‘partes do discurso’, abre-se na nomenclatura, uma janela para a fraseologia. Entre as locuções normalmente mencionadas pela gramática, as locuções adverbiais são aquelas que, com mais facilidade, aparecem na nomenclatura do PETIT ROBERT:

- *arrache-pied (d’)* (trad. lit.: de arranca-pé) significa /sem interrupção/;
- *à vau-l’eau* (trad. lit.: para o val a água) significa /para água abaixo/;
- *bras-le-corps (à)* significa /com os braços e pelo meio do corpo/;
- *bric et de broc (de)*³ significa /segundo o acaso das ocasiões/;
- *rebrousse-poil (à)* (trad. lit.: de arrepia-pelo) significa /em sentido contrário/.

Observa-se que o dicionário colocou as preposições que iniciam as locuções no fim das mesmas, para garantir uma classificação alfabética coerente para o consulente, salvo no caso de *à vau-l’eau* em que a decomposição dos constituintes parece particularmente delicada.

Além das locuções adverbiais, há ocorrências que entram em outras categorias:

- *c’est-à-dire*, loc. conj. (trad. lit.: isto é a dizer), significa /isto é/;
- *deux-deux (à)*, loc. adj. (trad. lit.: a dois-dois), significa /MÚS. em dois tempos/;
- *flic flac*, intej. (onomatopeia), exprime um estale ou um barulho de água;
- *instar de (à l’)*, loc. prép. (do latim *ad instar*), significa /à semelhança de/;
- *laissé(e)-pour-compte* ou *laissé(e) pour compte*, adj. e n., se diz de mercadoria recusada ou de que ninguém quer;
- *qui-vive?*, loc. interj. e n.m. invar. (trad. lit.: quem vive?), grito com que uma sentinela interpela um transeunte;
- *terra à terre* ou *terre-à-terre*, loc. adj. (trad. lit.: terra a/com terra) significa /ao mesmo nível/;
- *vis-à-vis*, adv., loc. prép. e n.m. (trad. lit.: rosto a rosto), significa /com respeito; em face, defronte/.

² A tradução é nossa.

³ *Bric* e *broc*, são provavelmente antigos onomatopeias segundo o *Trésor de la langue française* (cf. <http://atilf.atilf.fr>)

Os exemplos aqui citados ilustram as limitações do dicionário, quanto ao tratamento dos fraseologismos com critérios linguísticos. Mesmo sendo uma obra descritiva, o PETIT ROBERT segue certas normas estabelecidas, mas em alguns casos o emprego do hífen não está normalizado. Assim, em *laissé-pour-compte*, o dicionário julga o emprego do hífen preferível, enquanto com *terre à terre* se observa o contrário, pois o PETIT ROBERT apresenta a variante com hífen depois da norma. No tocante a categorias gramaticais estabelecidas, o dicionário se limita a seguir o que está estabelecido em obras normativas, como nos dicionários da Academia Francesa, ou no ensino oficial na França, sem entrar em discussões pertinentes em linguística a propósito do bem fundado de limites entre categorias como advérbios e preposições, por exemplo. Esses problemas podem aparecer, com mais nitidez, numa perspectiva de contraste. Se o PETIT ROBERT classifica *laissé-pour-compte* como adjetivo e nome, o PETIT LAROUSSE o considera apenas como nome. Não há de se surpreender com essa divergência, diante da complexidade da realidade linguística, um dicionário pode ser coerente a seus princípios metodológicos, mas se dois dicionários não seguem os mesmos princípios, não se pode obter resultados comparáveis em todos os pontos. No caso aqui apontado, a divergência se explica sem dúvida pelo fato de que o PETIT LAROUSSE se limita ao uso contemporâneo, enquanto o PETIT ROBERT consagra mais espaço à dimensão histórica da língua.

Há na nomenclatura do PETIT ROBERT algumas poucas ocorrências que, ao ver do lexicógrafo, estão mais perto da fraseologia do que da unidade lexical, trata-se de frases e sintagmas consagradas pelo uso, sem que um processo de cristalização haja apagado a composição na consciência do falante; mencionamos as seguintes ocorrências:

- *je-m'en-fichisme*⁴, n.m., designa uma atitude de despreocupação com algo que deveria interessar;
- *je-m'en-foutisme*⁵, n.m., designa uma atitude de despreocupação com algo que deveria interessar';
- *je-m'en-fichiste*, adj. e n.m., designa a atitude de despreocupação de alguém com algo que deveria interessar;
- *je-m'en-foutiste*, adj. e n.m. designa a atitude de despreocupação de alguém com algo que deveria interessar;

⁴ Do verbo *ficher*, do lat. pop. *figicare*, significa /fixar, penetrar pela ponta/. A acepção sexual é atestada desde o século XVI.

⁵ Do verbo *foutre*, do lat. *futuere* que significa /ter relações com uma mulher/.

- *je ne sais quoi*, n.m.invar., (trad. lit.: eu não sei que), significa algo nitidamente percebida que não se consegue definir;
- *jusqu'au-boutisme*, n.m., (trad. lit.: até ao fimismo), designa uma política, conduta que leva aos extremos;
- *jusqu'au-boutiste*, n.m., (trad. lit.: até ao fimista), designa pessoa disposta ir ao extremo;
- *pince-sans-rire*, n.invar., (trad. lit.: belisca sem rir), designa uma pessoa praticando um humor, uma ironia frios;
- *qu'en-dira-t-on*, n.m.invar., (trad. lit.: que se diria disso), corresponde ao “o que as pessoas vão dizer”;
- *suivez-moi-jeune-homme*, n.m., (trad. lit.: ‘me segue, moço), designa um enfeito de chapéu feminino.

Todos esses fraseologismos são classificados como substantivos, mas nota-se a presença de verbos conjugados em quatro ocorrências: *sais* (sei), *pince* (belisca), *dira* (dirá) e *suivez* (siga). Além disso, os quatro primeiros exemplos citados são o resultado da nominalização das expressões *je m'en fous* e *je m'en fiche* que significam, mais ou menos ‘estou nem aí’ ou ‘não ligo!’. Essa observação é interessante, porque ela mostra que o dicionário consegue tratar como signo linguístico integrador da nomenclatura apenas ocorrências que se deixem assimilar a uma das partes do discurso tradicionalmente estabelecidas. As outras ocorrências, talvez de uso até mais frequente, são relegados no interior de um dado verbete. É o que se pode notar com *je m'en-fichiste*, *je m'en-fichisme* e *je m'en fiche*. No verbete ‘ficher’ o PETIT ROBERT representa, na terceira acepção, a locução ‘*se ficher de qqn. qqch*’ (se lixando de alguém/algo). É essa locução, empregada preferencialmente na primeira pessoa, no presente e frequentemente como exclamação que possibilitou a aparição dos sintagmas nominais membros da nomenclatura.

Considerações finais

Segundo Martinet, na língua existem duas articulações, a primeira que consiste no alinhamento de unidades providas de significação, e a segunda que consiste no alinhamento de unidades desprovidas de significado, no entanto analisável a nível fonológico e fonético. Na linguística de classes de objetos, à maneira de Gaston Gross, já se discute a existência de uma terceira articulação que corresponde à cristalização de unidades lexicais em unidades polilexicais. Essa teoria parece plausível face a unidades lexicais como *boursoufflé*, *culbuter* ou o signo já mencionado *suivez-moi-jeune-homme*, porém a problemática do grau de cristalização, já exposto por Bally, ainda não foi resolvida pela linguística. É inteiramente

pertinente a observação de Tesnière de que em 'Alfred parle' há 1º *Alfred*, 2º *parle* e 3º a conexão que une os dois primeiros (Tesnière 1988:11-13). Sem essa conexão, o falante não pode chegar à compreensão da frase. Para a lexicografia essa constatação não resolve o problema de base: a partir de que momento um fato observado na fala, quer dizer a cristalização de uma ocorrência num fraseologismo, por exemplo, pode ser assimilado a um fato de língua.

Além do mais, um dicionário de língua comum dificilmente trata estados intermediários; ou uma ocorrência se deixa assimilar a um signo linguístico categorisável em termos de partes do discurso comumente reconhecido, ou a ocorrência continua sua existência como locução. A diacronia serve para explicar o estado atual do signo e o signo segue as convenções tradicionalmente estabelecidas. Como o dicionário de língua comum, na sua prática não questiona a realidade linguística dos advérbios ou dos pronomes, por exemplo, deve-se constatar que ele não é inovador quanto à conceituação do signo linguístico.

Numa análise linguística, se não ultrapássemos a frase, pode-se observar que quanto mais uma unidade polilexical se cristaliza, mais ela se aproxima de um signo linguístico convencional. Esse movimento é mais claro quando a construção semântica não é transparente. Esse processo pode passar por muitas etapas e, segundo o caso, deve ser examinado à luz de outros processos como a dessemantização ou a gramaticalização. Ou seja, a história da língua se encarrega de transformar *juste + au + corps* em *justaucorps*. O dicionário de língua esconde esse processo nos verbetes até o momento em que o processo de cristalização fornece um resultado que possa ser assimilado a um signo admissível na nomenclatura.

Quanto à praxe do PETIT ROBERT, a constatação é que os fraseologismos assimiláveis a um nominal são mais facilmente integrados na nomenclatura que outras ocorrências. Para as locuções adjetivais, adverbiais, conjuntivas ou prepositivas a questão é mais delicada. Se a assimilação funcional 'locução/unidade lexical simples' se averigua, a locução pode ingressar a nomenclatura, mas frequentemente uma preposição encabeçando uma locução se vê apresentada no final da mesma e entre parênteses: *à l'instar de* aparece na nomenclatura do PETIT ROBERT sob a forma *instar de (à l')*; *à rebrousse-poil* aparece sob a forma *rebrousse-poil (à)*. Já no caso das locuções verbais, deve-se dar tempo ao tempo. A nomenclatura apenas contempla antigas locuções como *culbuter*, em que o falante contemporâneo não vê composição. No caso contrário, quando o verbo de base da locução continua analisável, a locução não se torna signo apresentado na nomenclatura. Assim, as numerosas locuções

verbais, mesmo tendo um alto grau de cristalização (como *avoir affaire*, *avoir faim*, *faire bloc* ou *faire peur*, por exemplo), figuram normalmente no verbete que correspondem ao verbo de base, em 'avoir' ou em 'faire' para os exemplos dados.

Bibliografia

- Bally, C. (1951) *Traité de stylistique française*. 3a ed. Paris: Klincksieck.
- Blanco, C. M. (org.) (2009) *Theorie und Praxis der idiomatischen Wörterbücher*. Tübingen: Niemeyer.
- Burger, H. (2010) *Phraseologie. Eine Einführung am Beispiel des Deutschen*. Berlin: Erich Schmidt Verlag [4a edição].
- Chomsky, N. (1986) *Knowledge of Language. Its Nature, Origin, and Use*. New York/London : Praeger.
- Engelberg, S. & Lemnitzer, L. (2009) *Lexicographie und Wörterbuchbenutzung*. Tübingen: Stauffenburg [4ª edição revisada].
- Gross, G. (1996) *Les expressions figées en français*. Paris: Ophrys.
- Houaiss, A. (2009) *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva [versão eletrônica].
- Marchello-Nizia, C. (2006) *Grammaticalisation et changement linguistique*. Bruxelles: De Boeck.
- Martinet, A. (1970) *Éléments de linguistique générale*. Paris : Armand Colin.
- Mejri, S. (1997) *Le figement lexical*. Tunis: Publications de la Faculté des Lettres de la Manouba.
- Rey-Debove, J & Rey, A. (2007) *Le Nouveau Petit Robert*. Paris : Dictionnaires LE ROBERT. [versão papel e versão eletrônica regularmente reeditadas]
- Saussure, F. de (1982) *Cours de linguistique générale*. Paris : Payot. [edição crítica estabelecida por T. de Mauro]
- Selosse, P (2009) « Enjeux épistémologiques et linguistiques de l'histoire des mots : l'exemple du mot *ortographe* ». In *Cahiers de lexicologie*, Paris, vol. 2, no 95.
- Strehler, R. G. (2009) "Fraseologismos e cultura". In *Trabalhos em Lingüística aplicada*, Campinas n. 48.
- Strehler, R. G. (2008) "Considerações sobre a fraseologia partindo de *Portugiesische Redewendungen* (2006) de S. Ettinger e M. Nunes". In *Lusorama*, Frankfurt am Main: Domus Editora Europa.
- Tesnière, L. (1988) *Éléments de syntaxe structurale*. Paris : Klincksieck [1ª edição: 1958].
- Welker, H. A. (2004) *Dicionários, uma pequena introdução*. Brasília: Thesaurus.
- Wilmet, M. (2003) *Grammaire critique du français*. Bruxelles : Duculot.